



DO MANUSCRITO AO LIVRO IMPRESSO I

António Manuel Lopes Andrade

Maria Cristina Carrington (Coords.)

Aveiro | Coimbra | 2019

UA Editora – Universidade de Aveiro

Imprensa da Universidade de Coimbra

**CEM ANOS DE LIVROS PARA CRIANÇAS
EM PORTUGAL: OLHARES SOBRE O MAR
NA LITERATURA INFANTIL**

*Ana Margarida Ramos*¹

Resumo: Pretende-se, neste estudo, proceder a uma caracterização da evolução do livro infantil português nos últimos 100 anos, tomando como critério para a seleção de um *corpus* coeso as representações do mar. De elemento de forte conotação simbólica e ressonância identitária, a espaço privilegiado de lazer, sem esquecer a dimensão ecológica, o mar constituiu um *topos* recorrente na literatura infantil (LI) ao longo do tempo e a variação nas suas representações ilustra a evolução das tendências desta literatura, onde a dimensão mais formativa e educativa foi perdendo peso em favor das vertentes estética e lúdica.

Palavras-chave: Literatura Infantil; História; Mar; Edição

Abstract: This study aims to characterise the evolution of the Portuguese children's literature in the last 100 years, using as a criterion for the selection of a coherent *corpus* the

¹ Centro de Línguas, Literaturas e Culturas da Universidade de Aveiro: anamargarida@ua.pt.

representations of the sea. The sea is a recurring topic in children's literature through time, and the variation in the representation of the sea illustrates the evolution of children's books. From a symbolic element with strong connotation with national identity, the sea became also a privileged space of leisure, and concern, regarding the ecological point of view. Thus, in the last years, the educational and formative dimension of Portuguese children's literature, very present in the beginning of the XXth century, has been losing importance in favour of the aesthetic and playful aspects of children's books, namely those concerned with illustration and graphic design.

Keywords: Children's Literature; History; Sea; Publishing

1. Introdução: Histórias da Literatura Infantil Portuguesa

Os estudos sobre a literatura para a infância (LI) portuguesa dos últimos anos têm privilegiado outras dimensões que não a histórica e ainda que tenham aumentado de forma visível desde a década de 80 do século XX, nos últimos anos não têm sido produzidas atualizações das Histórias da Literatura² disponíveis.

Estas, circunscritas no tempo e no espaço, não contemplam a produção posterior à década de 90, cujo levantamento e estudo exaustivo continua por realizar, apesar dos trabalhos relevantes que a publicação literária para crianças tem conhecido recentemente. Acresce à ausência de estudos de cariz historiográfico, a inacessibilidade dos existentes, esgotados e não reeditados, não permitindo aos leitores contemporâneos o conhecimento profundo da produção neste segmento. Este desconhecimento tem impacto na perceção da evolução, tendências e influências da literatura infantil ao longo dos tempos, invalidando, por exemplo, a valorização de figuras e obras pioneiras, desconhecidas de muitos leitores e, até, investigadores. Esta ausência não impede a existência de outros estudos e investigações de fôlego, sobretudo as realizadas para a obtenção de graus académicos, como doutoramentos³, centradas

² Confrontar com Esther LEMOS, *A Literatura Infantil em Portugal*. Lisboa, Ministério da Educação Nacional – Direcção Geral da Educação Permanente, 1972; Alice GOMES, *A literatura para a infância*. Lisboa, Torres & Abreu, 1979; Maria Laura Bettencourt PIRES, *História da Literatura Infantil Portuguesa*. Lisboa, Vega, 1983; Natércia ROCHA, *Breve História da Literatura para Crianças em Portugal*. Lisboa, ICALP, 1984; Natércia ROCHA, *Breve História da Literatura para Crianças em Portugal*. 2.^a ed. Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa – Ministério da Educação, 1992; Natércia ROCHA, *Breve História da Literatura para Crianças em Portugal* (nova edição actualizada até ao ano 2000). Lisboa, Caminho, 2001. José António GOMES, *Para uma História da Literatura Portuguesa para a Infância e a Juventude*. Lisboa, Ministério da Cultura – Instituto Português do Livro e das Bibliotecas, 1998.

³ Confrontar com: Sara Reis da SILVA, *Presença e Significado de Manuel António Pina na Literatura Portuguesa para a Infância e a Juventude*. Lisboa, Fundação

em outros aspetos da literatura para a infância e juventude, nomeadamente privilegiando abordagens temáticas ou genológicas, por exemplo, ou centradas no trabalho de autores em particular. De uma forma geral, estes estudos integram quase sempre reflexões enquadradoras de tipo panorâmico, traçando, para períodos limitados de tempo, caracterizações relevantes. Vejam-se, igualmente os trabalhos publicados ao longo dos anos no âmbito da Rede de Investigação “Las Literaturas Infantiles y Juveniles del Marco Ibérico e Iberoamericano” coordenada por Blanca-Ana Roig Rechou, quer sob a forma de estudos panorâmicos, quer sob a forma de seleções bibliográficas e comentários dedicados ao teatro⁴, à poesia⁵ e ao conto tradicional⁶, por exemplo, contributos relevantes para o conhecimento dos desenvolvimentos atuais da LI.

Ainda que este estudo não tenha, pelas limitações de espaço e contexto, pretensões de exaustividade na abordagem histórico-literária da LI portuguesa, pretende traçar, a partir de um *corpus* selecionado temática e genologicamente, as principais linhas de evolução da produção literária de destinatário infantil, dando conta da forma como vertentes mais valorizadas no início do século XX, associadas, por exemplo, à educação e formação das crianças e dos jovens, foram perdendo relevo em favor das dimensões estético-

Calouste Gulbenkian/Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2013; Cláudia MOTA, *Viagem Exploratória pela atual literatura infantil*. Porto, Tropelias & Companhia, 2016.

⁴ Ver José António GOMES, Ana Margarida RAMOS, Sara Reis da SILVA, “Panorama Histórico do Teatro para Crianças em Português (século XX)”, in Blanca-Ana ROIG RECHOU, Pedro LUCAS DOMÍNGUEZ, Isabel SOTO LÓPEZ (coord.), *Teatro Infantil. Do Texto á Representación*. Vigo, Edicións Xerais de Galicia, 2007, pp. 123-169.

⁵ Ver José António GOMES, Ana Margarida RAMOS, Sara Reis da SILVA, “Tendências da nova poesia portuguesa para a infância (2000-2008)”, in Blanca-Ana ROIG RECHOU, Isabel SOTO LÓPEZ, Marta NEIRA RODRÍGUEZ (coord.), *A Poesía Infantil no Século XXI (2000-2008)*. Vigo, Edicións Xerais de Galicia, 2009, pp. 111-137.

⁶ Ver José António GOMES, Ana Margarida RAMOS, Sara Reis da SILVA, “Reescritas do conto tradicional na literatura portuguesa para a infância e juventude (2000-2009)”, in Blanca-Ana ROIG RECHOU, Isabel SOTO LÓPEZ, Marta NEIRA RODRÍGUEZ (coord.), *Reescrituras do Conto Popular (2000-2009)*. Vigo: Edicións Xerais de Galicia, 2010, pp. 109-124.

-lúdicas dos livros infantis, respondendo, no século XXI, a novos desafios e exigências do ponto de vista da leitura. Na história do livro infantil repercutem-se com particular incidência as mudanças políticas, sociais, educativas e técnicas (mesmo do ponto de vista da impressão, e reprodução do livro) que Portugal conheceu no último século, merecendo, também por isso, leitura atenta.

2. O mar e as suas representações: da construção identitária à fruição lúdica

De claras ressonâncias mítico-simbólicas, algumas delas especialmente exploradas em momentos particulares da História portuguesa, a temática ligada ao mar permite-nos recortar um *corpus* relevante de obras para crianças publicadas nos últimos 100 anos, evidenciando a evolução das publicações, sobretudo ao nível do relevo da componente lúdica.

Sobre as representações do mar na LI portuguesa, em particular na poesia, veja-se o texto “A nova poesia portuguesa para a infância (2000-2008): tendências e presença do mar”⁷, cuja segunda parte se centra na análise do elemento marítimo enquanto *topos* poético, rastreando um conjunto de autores e obras revelantes neste domínio, com especial destaque para *O Mar na Cultura Popular Portuguesa* (1998), de Maria Isabel Mendonça Soares, coletânea de textos de cariz poético-lírico oriundos da tradição oral, *O Planeta Azul* (2008), coletânea de poemas de Luísa Ducla Soares onde o mar surge tematizado na sua dimensão ecológica, para além de alguns poemas mais ou menos isolados de um número significativo de autores.

⁷ Confrontar com: José António GOMES, Ana Margarida RAMOS, Sara Reis da SILVA, “A nova poesia portuguesa para a infância (2000-2008): tendências e presença do mar”, in José António GOMES, Isabel MOCIÑO, Ana Margarida RAMOS, Blanca-Ana ROIG RECHOU (coord.), *Maré de Livros*. Porto, Deriva Editores, 2010, pp. 15-32.

O tratamento do tema, muitas vezes em sintonia com o contexto da literatura de viagens, pode surgir associado a diferentes géneros e contextos de produção literária, desde as memórias, o diário ou as cartas, no universo das escritas do “eu”, por exemplo, ao romance de aventuras, passando pelo conto. Com tradição muito antiga, nomeadamente nas narrativas de teor maravilhoso ou fantástico, comuns na época medieval, associadas a viagens fantásticas ou a peregrinações, o *corpus* clássico da literatura portuguesa de viagens inclui, entre outros, textos como *Os Lusíadas*, a *Peregrinação* ou a *História Trágico-Marítima*, todos alvo de várias reescritas e adaptações no contexto da literatura infantojuvenil. Por razões de espaço, essas adaptações não serão objeto de análise neste estudo. O tema das viagens marítimas pode igualmente apresentar afinidades com outros subtemas, como acontece com as histórias de piratas, já analisadas em outro contexto⁸, ou as descobertas.

O mar e a viagem têm ressonâncias simbólicas especialmente fortes no contexto da História portuguesa, surgindo umbilicalmente ligados ao processo de Expansão Ultramarina. Determinante do ponto de vista identitário, o mar confunde-se muitas vezes com a condição portuguesa, sendo simultaneamente desígnio e missão, uma espécie de elo partilhado no código genético português. E ainda que, quer histórica, quer literariamente, essa relação de Portugal e dos portugueses com o mar esteja repleta de contradições e generalizações, a verdade é que ela continua a funcionar como uma perspetiva a partir da qual a evolução da literatura pode ser percecionada, tal é a inscrição que nela o mar ocupa. Relembremos, a título meramente exemplificativo, a configuração de um subgénero da lírica galaico-portuguesa a partir desta relação umbilical com o mar, com a criação das marinhas ou

⁸ Confrontar com: Sara Reis da SILVA, Ana Margarida RAMOS, “Dos piratas e da sua representação na literatura portuguesa para a infância: alguns contributos”: *Boletín Galego de Literatura* 36-37 (2007), pp. 149-167.

barcarolas, composições nas quais o sujeito poético, perante a observação das águas do mar ou do rio, se questiona sobre a ausência e as (im)possibilidades de retorno do amigo.

As variações mais modernas do tema permitem incluir o tratamento de questões ecológicas, apelando à necessidade de proteger o mar que, de elemento imenso e ilimitado, passa a vítima das ações humanas, vendo o seu equilíbrio perturbado. Mas o mar, em particular a praia, constituem hoje, passados séculos sobre as descobertas ultramarinas, espaços de recreio e lazer, possibilitando a prática de desporto, o gozo dos tempos livres e a fruição livre do tempo e do espaço. Esta evolução resultará da transformação social e cultural do país, mas também da alteração do conceito de portugalidade ou mesmo de nação, construído atualmente em torno de valores diferentes.

Por razões que se prendem com os limites deste estudo, apenas serão alvo de referência e de estudo mais aprofundado os textos narrativos breves, contos e álbuns ilustrados, publicados nos últimos 100 anos em Portugal onde o mar tenha relevo central do ponto de vista do tema, deixando de lado livros situados no domínio da não ficção. Dada a vastidão da oferta, foram selecionadas as obras mais emblemáticas/representativas do tratamento do tema na LI, em termos da sua qualidade literária e plástica, ficando necessariamente de fora algumas publicações que, enquadráveis tematicamente neste estudo, não acrescentam particular novidade à teorização apresentada.

3. Análise de uma seleção de obras exemplificativas (1914-2015)

Apesar de o recorte temporal estabelecido não incluir a obra de Afonso Lopes Vieira, *Bartolomeu Marinheiro*, publicada em 1912, não é possível passar ao lado desta publicação, tendo em conta

não só as sugestões intertextuais que apresenta com *Os Lusíadas* e com o romance tradicional português *A Nau Catrineta*, mas sobretudo pela forma como explicita um conjunto de valores que marcam a produção literária subsequente destinada a crianças, nomeadamente no que respeita à exaltação patriótica e à valorização das viagens ultramarinas como uma espécie de desígnio nacional. Aliás, a dimensão historiográfica e biografista do texto, ainda que atenuada, será recuperada posteriormente ao longo do século XX, com a publicação das biografias dos heróis da nação, alguns com atividade marítima reconhecida. Curiosamente, em 1996, a mesma viagem de Bartolomeu Dias, é o ponto de partida para uma narrativa versificada de Manuel Alegre, *As Naus de Verde Pinho*, vencedora do Prémio Literário António Botto em 1998, onde a sedução marítima volta a ser eixo estruturante de uma recriação para crianças de um feito histórico. A identidade portuguesa parece resultar da conjugação de apelos diferentes (até contraditórios), da terra e do mar, que este título também espelha, associado à ação do Rei D. Dinis, o “plantador de naus a haver”, nas palavras de Pessoa.

3.1. Primeira República e Estado Novo (1914 - 1974)

Figura relevante do pensamento português da primeira metade do século XX, com ação reconhecida em múltiplas áreas, especialmente na filosofia e na educação, **António Sérgio** (1883-1969) integra o grupo de autores associados ao movimento da Renascença Portuguesa, sendo o seu pensamento conotado com a reforma social, política e educativa da sociedade portuguesa do início do século XX. Na sua obra literária, surgem várias publicações destinadas à infância, das quais se destacam, pelo relevo do tema em análise, volumes como *O Navio dos Brinquedos* (1914) (figura 1), *Na Terra e no Mar* (1924) e *Contos Gregos* (1925).

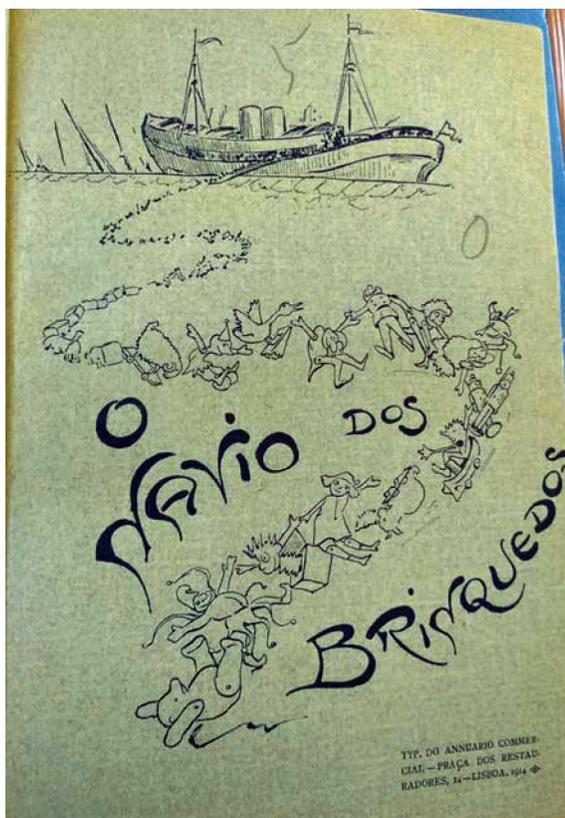


Figura 1 – *O Navio dos Brinquedos*, de António Sérgio e Vasco Lopes de Mendonça (Renascença Portuguesa, 1914)

O primeiro livro, *O Navio dos Brinquedos*, que marca a estreia do autor no domínio da literatura infantil, é um conto de forte inspiração histórica e referencial, inseparável do contexto da I Guerra Mundial. Relata o episódio relativo ao envio, a partir dos EUA, num navio vapor, de brinquedos e roupa para as crianças em Itália, filhas dos soldados que participam na guerra. No livro, que conta com ilustrações de Vasco Lopes de Mendonça, o mar é sobretudo lugar de passagem, de ida e de regresso de viajantes. É curioso, contudo, o conceito circular da História e das viagens no

Atlântico Norte, uma vez que o navio dos brinquedos, navegando dos EUA para a Itália, parece fazer a viagem inversa de Colombo, apresentado no conto como o italiano que descobriu a América, fechando o ciclo, mas também unindo os povos. Esta mensagem de entreatajuda e solidariedade com os que mais precisam é apenas uma das várias que percorrem o texto, dominado por um tom pedagogizante, onde sobressai o elogio ao desenvolvimento norte-americano, uma espécie de farol não só do progresso económico, mas também de solidariedade, servindo como espelho para a formação das crianças portuguesas, inspiradas pelo exemplo narrado. Em *Contos da Terra e do Mar*, surge uma adaptação de um conto de R. Kipling, “História da Baleia”, onde o mar é apenas cenário para uma narrativa que esclarece como a esperteza do homem superioriza a força da baleia; e “História do José Maria”, uma versão de um conto popular russo, onde o mar é fonte de riqueza, em resultado da pesca que o protagonista aí realiza. No livro *Contos Gregos*, o mar surge associado à “História dos Argonautas”, o segundo conto desta coletânea, sendo percorrido por Jasão e os companheiros na sua busca pelo velo de ouro. Marcado por obstáculos que os heróis têm de vencer, o elemento marítimo é o espaço simbólico do crescimento e da afirmação dos heróis.

Outro autor de referência da mesma geração é **Jaime Cortesão** (1884-1960) que, em 1926, publica, com ilustrações de Roque Gameiro, *O Romance das Ilhas Encantadas* (figura 2). O volume, alvo de várias reedições, sendo a última de 1998, com ilustrações de Victor Borges, constitui um clássico da literatura infantil portuguesa. Neste livro, Jaime Cortesão combina a componente histórica com a maravilhosa, criando uma narrativa de aparência lendária, associada à descoberta das ilhas dos Açores e da Madeira. A presença de alusões a personagens referenciais e a factos históricos não inibe o seu cruzamento com uma certa ideia mítica acerca da génese da identidade nacional portuguesa, conotada com uma dimensão

atlântica e marinheira dos portugueses que a narrativa recupera. A filiação marinha (e maravilhosa) do povo português explica o seu destino atlântico e descobridor e justifica, deste modo, o seu passado e o seu presente.

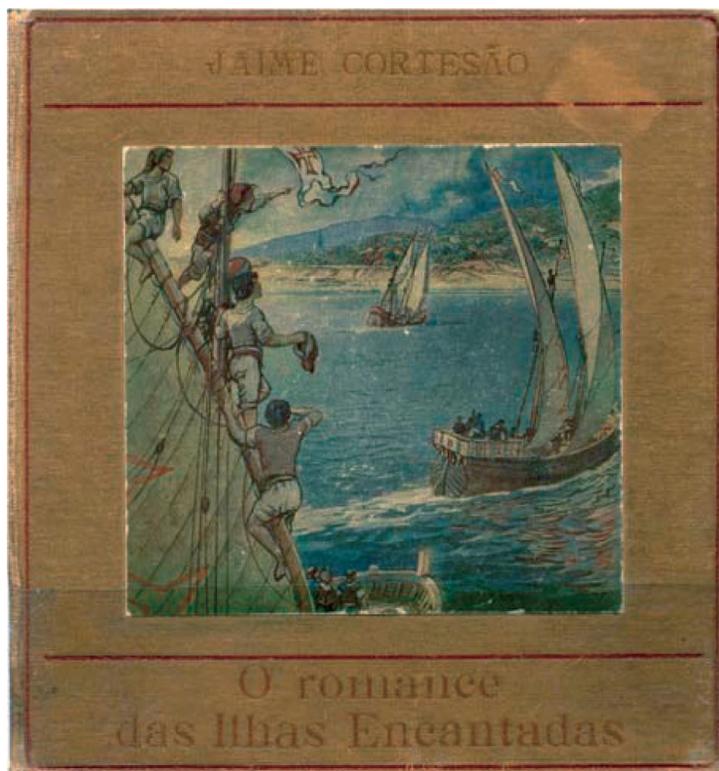


Figura 2 – *O Romance das Ilhas Encantadas*, de Jaime Cortesão e Roque Gameiro (Aillaud, 1926)

Repleta de alusões de índole intertextual, como as referências à lenda de São Brandão (*Navigatio Sancti Brandani*) e às suas navegações em busca do paraíso terrestre, para além da lenda das sete cidades, a narrativa de Jaime Cortesão inscreve-se na tradição dos relatos de viagens imaginárias e dos roteiros medievais de maravilhas, dando conta da conceção medieval do mundo, na qual os

mares são vistos como locais tenebrosos, habitados por monstros terríveis. O narrador justifica a irresistível atração portuguesa pelo mar e pelas viagens ultramarinas, incluindo a atividade desenvolvida pelo Infante D. Henrique, como resultado de uma linha genética excecional, que a narrativa recupera, favorecida por uma insólita linhagem marinha que tem origem na união entre homens e mulheres marinhas, a metamorfose destas e o nascimento de seres híbridos, como é o caso dos extraordinários descendentes de D. Froiaz e D. Marinha. *O Romance das Ilhas Encantadas* revela-se, pois, subsidiário, ainda que de forma implícita, de uma certa noção/conceito dos portugueses como povo eleito, o que explicaria a iniciativa do país na descoberta de novos mundos e nas navegações para além dos mares já conhecidos.

Adolfo Simões Müller (1909-1989) pertence a uma geração diferente dos anteriores e não partilha totalmente do mesmo ideário progressista e reformista, estando ideologicamente mais próximo do Estado Novo. Tem intensa atividade na imprensa infantil, colaborando com jornais e suplementos de grande relevo para a produção e divulgação da LI nas décadas de 30 a 50 do século XX. A sua extensa obra destinada a crianças e a jovens faz dele um dos mais prolixos criadores da sua geração, com especial relevo no tratamento de episódios e figuras históricas, de que a coleção “Gente Grande para Gente Pequena” é o melhor exemplo, mas a sua vasta obra, iniciada na década de 30, abrange todos os géneros e culminará com a atribuição do Grande Prémio Gulbenkian de Literatura para Crianças e Jovens em 1982.

Enquadráveis no âmbito deste estudo, as biografias de grandes figuras nacionais, como Luís de Camões, em *Aventuras de Trincas-fortes: Pequena história de Luís de Camões e do seu Poema* (1946); Gago Coutinho, em *O Grande Almirante das Estrelas do Sul: Pequena história de Gago Coutinho e da primeira viagem aérea ao Brasil* (1949); Infante D. Henrique, em *O Príncipe do Mar: D. Henrique*

e os descobrimentos marítimos (1959); Serpa Pinto, em *Através do Continente Misterioso: a vida e as viagens de Serpa Pinto e outros exploradores* (1962), tocam, de forma mais central ou mais periférica, a relação dos heróis pátrios com o mar, entendido como desígnio nacional em praticamente todos estes volumes.

Obra emblemática de **Sophia de Mello Breyner Andresen** (1919-2004), *A Menina do Mar* (1958) (figura 3) é apenas um dos muitos exemplos de textos onde a autora tematizou o elemento marítimo, que percorre, além da sua obra poética, contos para crianças e jovens como *O Cavaleiro da Dinamarca* (1964), a “Saga”, de *Histórias da Terra e do Mar* (1984), ou “Homero”, de *Contos Exemplares* (1962), estes últimos num registo menos infantil. O conto *A Menina do Mar* narra o encontro de elementos fundamentais do universo – a terra e a água – personificados pelo rapaz e pela menina, explorando o fascínio e a atração que o desconhecido e o diferente exercem sobre a humanidade⁹. Além de história de amizade e de descoberta recíproca, a narrativa pode ser ainda lida enquanto elogio ao mar e à praia, esses lugares de infância que habitavam Sophia e percorrem a sua poética, regidos por dinâmicas próprias, em resultado das estações do ano ou dos confrontos entre elementos naturais. Longe da exaltação patriótica ou do apelo nacionalista, o mar é elemento matricial e génese de vida, funcionando a menina que o habita como uma projeção das memórias e dos desejos da escritora. Esta relação umbilical com o elemento marítimo é também o eixo estruturante do conto “Saga”, condenando Hans a uma viagem sem retorno a casa. Búzio, a personagem principal do conto “Homero”, encarna fisicamente a fusão do homem com o mar, surgindo comparado a um monumento manuelino, conseguindo igualmente falar com o mar, numa linguagem que tem tanto de poesia como de loucura.

⁹ Ver: José António GOMES, *Sophia, Infância e Apelo do Mar. Elementos para uma leitura da obra para crianças*. Matosinhos, Contemporânea, 2000.



Figura 3 – *A Menina do Mar*,
de Sophia de Mello Breyner e Sarah Affonso (Ática, 1958)

No período em apreço, merece ainda nota o conto “Peixes espantosos”, publicado em *Histórias de Pessoas e Bichos* (1959), de **José de Lemos** (1910-1995), onde o humor é pedra de toque, dado que a narrativa explora o motivo das histórias exageradas dos pescadores. **Alves Redol** (1911-1969), por seu turno, publica, nos finais da década de 60, uma coleção de quatro pequenos livros ilustrados que contam, em registo poético-lírico, em resultado das rimas, dos jogos sonoros, vocabulares e paralelísticos, as aventuras da Flor Maria. Os primeiros volumes, *A Flor vai ver o mar* (1968) e *A Flor vai pescar num bote* (1968), aludem ambos ao mar que, no primeiro, é uma espécie de objetivo da Flor, seguindo o curso do rio até à sua foz, e, no segundo, é um dos espaços centrais da

ação, dividida entre o cais e o alto mar, onde a Flor e os companheiros tentam pescar. Atendendo à dimensão lúdica dos textos, o mar funciona mais como elemento narrativo do que simbólico, colaborando no jogo de palavras que estrutura a história.

Durante este período, pese embora a qualidade estética das publicações, que incluíam contributos de artistas plásticos de relevo na época, as mesmas evidenciavam limitações ao nível do uso das cores, em resultado das técnicas de impressão e reprodução. Muito circunscritos a elites sociais e culturais, os livros infantis foram estando mais acessíveis ao público em geral, à medida que o século avançou.

3.2. O crescimento da LI sob o Regime Democrático (1974-1999)

A partir de 1974, de acordo com José António Gomes¹⁰, as mudanças políticas e sociais vividas em Portugal tiveram impacto na cultura, em geral, e na literatura para a infância e juventude, em particular, que cresceu consideravelmente, assistindo-se, nas palavras do autor, “ao chamado *boom* da literatura para jovens em Portugal”¹¹, tendo este tipo de criação literária e artística encontrado “condições para um fôlego renovado, num ambiente de liberdade, e num contexto em que aumentou o número de realizações de várias ordens, directa ou indirectamente relacionadas com o universo infantil”¹². No balanço que faz deste período, o estudioso destaca o tratamento de temas novos, como a emigração, as desigualdades sociais e a pobreza, mas também a perspetivação da História a partir de um olhar novo, aspeto relevante para este estudo, nomeadamente

¹⁰ J. A. GOMES, *Para uma História...*, op. cit.

¹¹ J. A. GOMES, *Para uma História...*, op. cit., p. 43.

¹² J. A. GOMES, *Para uma História...*, op. cit., p. 44.

para a questão da Expansão e das Descobertas, por exemplo. As temáticas ligadas ao ambiente também emergem por esta altura.

Natércia Rocha, por seu turno, chama a atenção para o estudo da LI nos cursos de formação de professores, com implicações na investigação e divulgação da produção literária para crianças. No entender da estudiosa, o prolongamento da escolaridade obrigatória e o crescimento da produção editorial têm reflexos no aparecimento ou consolidação de uma geração de escritores que passa a poder publicar sem preocupação com a censura. Estes aspetos têm implicações na evolução dos livros para crianças que se distinguem claramente dos das primeiras décadas do século XX. Referindo-se a estas últimas décadas do século XX, a autora salienta que se trata de “um período de desenvolvimento espectacular, tanto na qualidade como na quantidade de obras apresentadas a público”¹³, destacando, para além da consolidação da escrita e do alargamento temático da produção literária, o relevo crescente da ilustração.

Exemplificam esta abertura temática, associada a uma dimensão mais interventiva da LI, com a introdução de preocupações ecológicas, publicações como *O Grande Continente Azul* (1985) (figura 4), de **José Jorge Letria** (1951-), distinguido com o Prémio “O Ambiente na Literatura Infantil” em 1983; e *Terra e Mar vistos do Ar* (1981), de **Sidónio Muralha** (1920-1982)¹⁴, uma narrativa sobre uma viagem de helicóptero realizada por dois irmãos e que corresponde à descoberta da necessidade de proteger a natureza das agressões de que é alvo. *O Grande Continente Azul* é uma narrativa poética que, em discurso de primeira pessoa, dá voz às

¹³ N. ROCHA, *Breve História...*, op. cit., p. 117.

¹⁴ Sidónio Muralha assina também o conto “Festa no Mar”, incluído na coletânea *Sete Cavalos na Berlinda* (1977), uma história sobre um peixinho preso na rebentação das ondas e condenado a dar à praia, não fosse a intervenção de uma criança que o leva de regresso ao mar.

águas do mar. O texto recria todas as características do universo marinho, dando conta da sua importância no equilíbrio da natureza e também na vida humana, enumerando todas as suas qualidades. Apelando a uma atitude ecologicamente saudável e sustentável, no texto ecoam ainda as consequências do não respeito pelo universo marinho e pelos seus habitantes. Centro umbilical da vida, o mar surge como local de todas as esperanças e infinitas possibilidades, num texto onde a dimensão ecológica e pedagógica, para além da poética, também marcam presença.

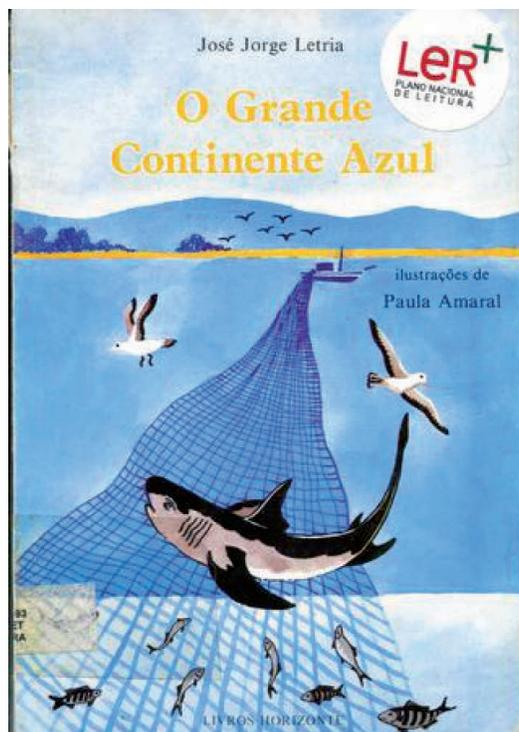


Figura 4 – *O Grande Continente Azul*, de José Jorge Letria e Paula Amaral (Livros Horizonte, 1985)

O Ratinho Marinheiro (1987) (figura 5), de **Luísa Ducla Soares** (1939-), é um livro que merece uma leitura atenta pela forma

aparentemente simples, com laivos parodísticos, como recria a figura prototípica do navegador-descobridor, agora transformado num pequeno rato. Recorrendo a quadras em redondilha menor e rima cruzada, a narrativa conta a história de um ratinho que se fez navegador a bordo de uma casca de noz, percorrendo os mares e vivendo aventuras extraordinárias, para depois acabar os seus dias a tratar da horta, em terra, num belo jardim. O texto dialoga de forma implícita com a gesta dos descobrimentos portugueses, uma vez que o ratinho enfrenta os elementos em clara desvantagem, mas também permite a reflexão sobre a necessidade constante de o ser humano se desafiar, numa tentativa de superação permanente, que o pequeno ratinho e o seu frágil barco ilustram.



Figura 5 – *O Ratinho Marinheiro*, de Luísa Ducla Soares e Zé Manel (Estúdios Cor, 1978)

O mar e os seus elementos também podem ser pretextos para a interferência do maravilhoso, como em *O Búzio de Nacar* (1981), de **Carlos Correia** (1947-), ou mais pontualmente em *Viagem com Wish* (1983), de **Ilse Losa** (1913-2006). O primeiro é um conto aproximável do universo da ficção científica, onde Félix, o narrador, convidado a visitar Nacar, uma cidade situada nas profundezas do mar, contacta com uma sociedade diferente, sendo-lhe comunicada uma mensagem de paz e de convivência solidária. O segundo texto centra-se nas vivências quotidianas de um rapaz que vê a sua existência normal interseccionada por uma dimensão onírica, tendo como cenário o mar e a praia.

Natércia Rocha (1924-2004) é também autora de um livro de imagens, inserido numa coleção temática destinada a pré-leitores, “Os meus primeiros livros”, intitulado *Na Praia* (1990). Trata-se de uma aposta no reconhecimento, por parte de leitores pequenos, das cenas do quotidiano recriadas, visando a identificação e o desenvolvimento da linguagem, uma vez que as imagens se encontram legendadas, promovendo o diálogo com os mediadores adultos. Veja-se, da mesma autora, a publicação de uma coletânea de breves contos, intitulada *Contos de Agosto* (1989), onde a temática marítima está presente de forma muito central em quatro dos 15 textos reunidos neste livro: “Uma onda curiosa”, “Pedro, o avô e o mar”, “Um passeio de barco” e “Baleia em terra”. Os textos, muito breves, destacam-se pela qualidade da escrita e das perspetivas narrativas, dando conta de experiências diversificadas de contacto com o elemento marítimo, fonte de prazer, de encontro e de brincadeira. As relações entre os seres humanos e o mar, mas também, no último conto, a questão da existência dos animais em liberdade, nos seus *habitat*, são linhas estruturantes das narrativas da autora. O conto de **Vergílio Alberto Vieira** (1950-), “Peixinho Folha-de-água”, uma narrativa

de cunho maravilhoso sobre a música e o mar, é editado em 1989 numa coletânea intitulada *Histórias dos Pés à Cabeça*. Em 2000, dará título a um livro que republica parcialmente o volume dos finais dos anos 80.

História do Fundo do Mar (1998), de **Mário Castrim** (1920-2002), veio a lume no ano da Expo 98, associando-se, pela temática selecionada, à grande exposição que pretendia celebrar os oceanos. A narrativa, muito simples, apresenta a história do narrador que, montado na Ondinha, tem acesso às profundezas do Oceano, onde visita a “Guerlândia”, e descobre um mistério por explicar. Sem propriamente se limitar à mensagem ecológica, até porque ela surge muito atenuada pelo jogo linguístico construído através de criativos neologismos, o texto aponta também para a ideia de deslumbramento do homem perante a espetacularidade da natureza, necessitando quase de inventar uma língua para a verbalizar.

No mesmo emblemático ano, **José Jorge Letria** publica *Lendas do Mar* (1998) (figura 6), uma das suas coletâneas mais lidas e trabalhadas nas escolas. Composto simbolicamente por sete histórias, numa alusão às sete ondas do mar, o volume integra textos de conotação mítica, como “Castigo de Sal”, “Grão a Grão se Trava o Mar”, “Os Três Avisos do Mar” ou “A Ambição das Luas”, a que se juntam outros mais lendários, como “O Reino das Sete Ondas”, “O Dia da Sereia” e “A Fada das Ondas”, estes dois últimos protagonizados por seres femininos conotados com o maravilhoso, respetivamente a sereia e a fada. Arquitetados em torno das oposições estruturantes das narrativas tradicionais, bem/mal, verdade/mentira, humildade/ambição, os textos propõem leituras fantasiosas de dilemas existenciais, ao mesmo tempo que alargam a enciclopédia de referências dos leitores, abrindo-lhes os horizontes intertextuais.

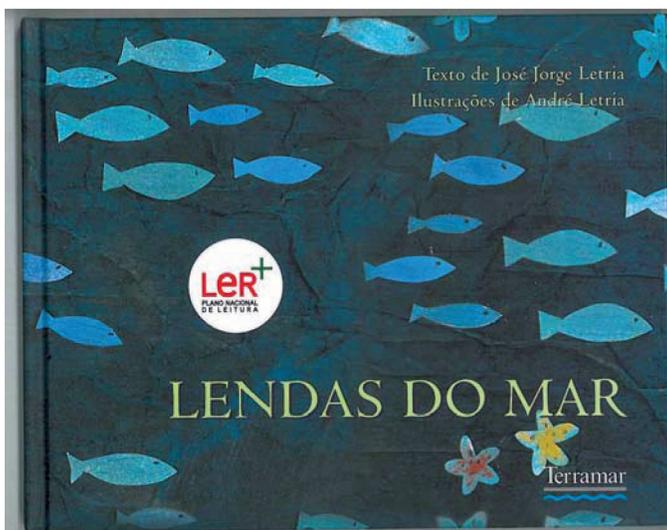


Figura 6 – *Lendas do Mar*, de José Jorge Letria e André Letria (Terramar, 1998)

Durante este período é notório o investimento crescente na materialidade do livro, alvo de atenção ao nível do *design* gráfico. As edições em capa mole, e com poucas ilustrações e com um número limitado de cores, foram, a pouco e pouco, sendo substituídas por volumes impressos em policromia, profusamente ilustrados, com capa dura, num formato próximo do livro-álbum.

3.3. Internacionalização da LI portuguesa (2000-2015)

O novo século confirma as expectativas de desenvolvimento e legitimação da LI enunciadas por Natércia Rocha, com o crescimento do número de autores e de obras publicadas¹⁵. Para além

¹⁵ Confrontar com: Ana Margarida RAMOS, “Literatura infantil portuguesa – autores, obras y tendencias”: *Anuario de investigación en literatura infantil y juvenil* 7.2 (2009), pp. 99-116; Ana Margarida RAMOS, “Uma década de produção literária para

da consolidação dos autores que iniciaram atividade nas últimas décadas do século XX, assistiu-se ao surgimento de novos autores e ao contributo, mais pontual, de criadores da literatura institucionalizada que habitualmente não escrevem para crianças. O número de traduções de obras de qualidade também aumentou, quer em termos dos textos clássicos, quer dos contemporâneos. Marca, de forma definitiva, este período o desenvolvimento da componente ilustrativa dos livros para crianças, com o aparecimento de um número considerável de ilustradores e criadores de grande qualidade, cujo reconhecimento é também feito em termos internacionais, e também de pequenas editoras especializadas na publicação e divulgação da LI.

Em termos da escrita, mantém-se o alargamento temático cada vez mais significativo, estendendo-se ao universo dos temas fraturantes ou desafiadores, em linha com a produção internacional. A questão da centralidade da palavra e do uso criativo e inovador – às vezes subversivo e com intenções simultaneamente lúdicas e didáticas – da língua é outro aspeto a merecer referência, não se circunscrevendo ao universo poético-lírico. Veja-se, como exemplo relacionado com a temática em estudo, o caso de *O beijo da palavrinha* (2008), de **Mia Couto** (1955-), autor moçambicano de língua portuguesa a editar em Portugal, onde o mar, presente do princípio ao fim da história, como sonho por concretizar, é sobretudo a palavra, significado e significante, sons e formas, mais do que elemento natural. Assim, a ligação entre as palavras e as coisas é explorada na leitura simbólica da palavra mar, feita de ondas, de voos de pássaros e de rochas, lugar de todas as possibilida-

a infância (2000-2010)”: *Solta Palavra* 17 (2011), pp. 3-10; Ana Margarida RAMOS, *Tendências contemporâneas da literatura portuguesa para a infância e juventude*. Porto, Tropelias & Companhia, 2012; Ana Margarida RAMOS, “6x6: um balanço da literatura infantil portuguesa contemporânea”: *Revista de lenguas y literaturas catalana, gallega y vasca* 20 (2015), pp. 211-222.

des, porque se encontra, no imaginário das crianças, rodeado de segredos e mistérios. As palavras possuem, assim, uma dimensão mágica e são capazes de possibilitar um encantamento que permite uma vida mais realizada e mais feliz.

Este período é, assim, marcado por aproximações de cariz mais simbólico¹⁶, como acontece com *Canção da Rocha, da Onda e da Nuvem* (2005) (figura 7), de **João Paulo Cotrim** (1965-) e **Tiago Manuel**, ou *Azul Blue Bleu* (2009) (figura 8), de **Eugénio Roda** (1965-) e **Gémeo Luís** (1965-), enquadráveis ambas no segmento do livro-álbum, pelo relevo que as imagens ocupam nas páginas e na própria narrativa.

O primeiro volume realiza uma leitura original da paisagem natural e está estruturado com base na metáfora do enamoramento do mar e da terra – simbolizada pela rocha. A forma como o mar se aproxima e se afasta dela e os seus diferentes estados de espírito são representados com recurso a imagens que captam quer a doçura quer a violência do elemento marítimo, dando conta da sua instabilidade. União de diferentes elementos naturais, o álbum propõe uma leitura simultaneamente poética e antropomorfizada da paisagem, sugerindo uma observação diferente da realidade. A variação entre as diferentes ilustrações, para além de representar o contínuo movimento dos elementos, recria-os em diferentes contextos com a colaboração da variação cromática e a sugestão de circularidade. Questionador, o álbum aposta numa leitura dos implícitos da situação recriada, dirigindo-se, simultaneamente, a vários tipos de leitores.

¹⁶ Merece referência, neste âmbito, a publicação de alguns contos insertos em *Estranhões & Bizarros* (2000), de José Eduardo Agualusa, autor angolano de língua portuguesa com edição regular em Portugal. É o caso de “O peixinho que descobriu o mar”, narrativa sobre como a capacidade de sonhar ajuda a desafiar todos os obstáculos, e “O pai que se tornou mãe”, um texto de ressonância mítica que é também uma história de amor passada no mar e protagonizada por dois cavalos-marinhos. O autor voltará ao tema em *Nweti e o mar: exercícios para sonhar sereias* (2011).

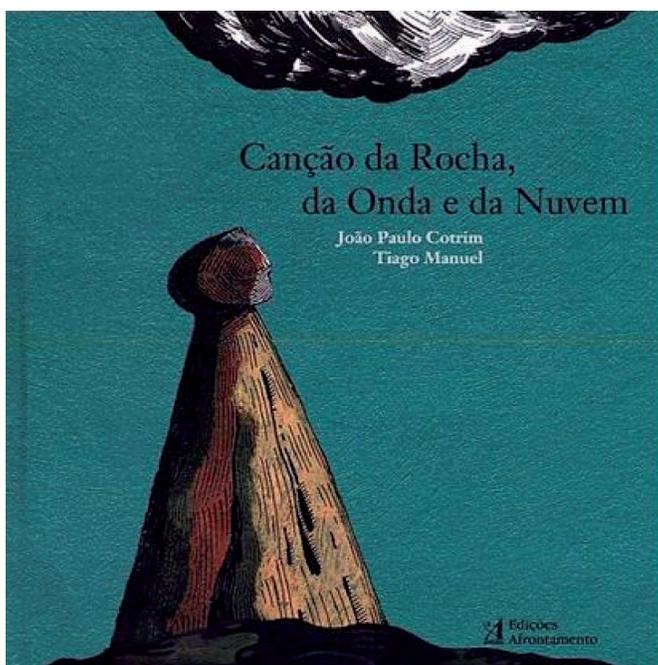


Figura 7 – *Canção da Rocha, da Onda e da Nuvem*, de João Paulo Cotrim e Tiago Manuel (Afrontamento, 2005)

O segundo, explorando as conotações simbólicas do mar e também da cor azul que, no caso da obra de Gémeo Luís e Eugénio Roda, metonimicamente o designa, ligadas à profundidade e à imaterialidade, tanto do ar como da água, mas igualmente à pureza, à irrealidade e à irrepetível perfeição divina, apresenta uma narrativa que explora as potencialidades visuais, semânticas e mágicas deste elemento. O texto, muito simples e condensado, num registo poético, dá conta de como uma única gota daquele líquido, subitamente transformada numa espécie de poção mágica, permite viagens extraordinárias que combinam sonhos, fantasias e receios de uma criança. Essa viagem, onde a verosimilhança e a fantasia se cruzam, recria uma das mais antigas e mais literariamente tratadas aventuras do homem, dando voz, corpo e forma ao sonho antigo de nadar, sem limitações, junto

dos animais marinhos, percorrendo a imensidão dos oceanos. As ilustrações de Gémeo Luís capturam diferentes motivos marinhos que surgem em novos e intrigantes contextos ao mesmo tempo que exploram as potencialidades cromáticas e dinâmicas do tema.

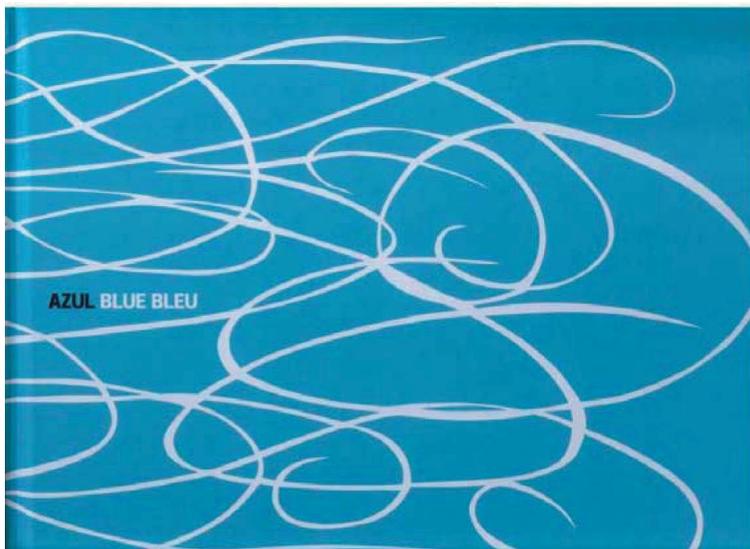


Figura 8 – *Azul Blue Bleu*, de Eugénio Roda e Gémeo Luís (Edições Eterogémeas, 2009)

A dimensão ecológica associada ao mar, iniciada já nos anos 80 do século XX, quando era ainda um tema emergente na LI, consolida-se e percorre a obra de vários autores, ainda que o tratamento que conhece seja desigual, sobretudo em termos da presença de uma dimensão moralizadora que nem sempre resulta da verdadeira consciência ecológica profunda. **José Fanha** (1951-), em *O dia em que o mar desapareceu* (2005), e **Luísa Ducla Soares**, em *O Mar* (2008), são dois exemplos de autores que se aproximam do tema por esta via. Este último aproxima-se do livro-álbum poético, uma vez que o texto disperso ao longo das páginas ilustradas por Pedro Sousa Pereira apresenta, num único poema, duas facetas do uni-

verso marinho: uma exaltada pela beleza, riqueza e diversidade, outra destruída e explorada até à exaustão pelo Homem. **Anabela Mimoso** (1953-), em *Aquela Palavra Mar* (2010), tematiza a condição de ilhéu e de emigrante, numa narrativa que decorre entre os Açores e a América, surgindo o mar como elemento que simultaneamente fecha a ilha sobre si mesma, e separa Luana do pai, mas também lança uma ponte entre os dois espaços, unidos pela saudade.

A dimensão lúdica e fruitiva do mar é espelhada de forma plena nas recriações literárias da ida à praia, atividade de eleição das férias e do verão, associada à liberdade, aos jogos, ao descanso e ao lazer. Nos últimos anos, são vários os livros que recriam esta experiência, como acontece com *Um dia na Praia* (2006), de Margarida Fonseca Santos, *Um dia na praia* (2008) e *Praia-Mar* (2011), de Bernardo Carvalho, mas também com *Quero ir à Praia* (2007), de Possidónio Cachapa, ou *A Praia dos Sonhos* (2010), de António Mota, só para dar alguns exemplos. Em géneros e registos diferentes, que passam pelo livro-álbum sem texto e com texto e o conto ilustrado, todos sublinham a interação com os elementos naturais, nomeadamente o mar, fonte de prazer, brincadeiras e alegrias, mesmo se pontuados por alguns sustos. Alguns dos livros não passam ao lado da dimensão formativa, seja pela presença da dimensão ecológica mais ou menos explícita, como *Um dia na praia* (2008) e *Praia-Mar* (2011), de Bernardo Carvalho, seja pelas regras de cuidados a ter com os banhos no mar, como *A Praia dos Sonhos* (2010), de António Mota.

António Torrado (1939-) também não resistiu ao apelo marítimo, tendo publicado, em 2012, o volume *Mar à vista... e outra história*, onde o conto que empresta título ao livro narra o percurso de regresso ao mar de uma gaiivota perdida em terra durante uma tempestade.

Finalmente, merece destaque a publicação do álbum *Verdade?!* (2015) (figura 9), de **Bernardo Carvalho** (1973-), uma narrativa estritamente visual, onde o mar, além de cenário da narrativa que se centra numa aventura em alto mar vivida por um pescador e o

seu cão, é também o espaço simbólico que reúne medos, sonhos e mitos, uma espécie de intertexto simbólico que povoa o imaginário dos navegadores, aventureiros e pescadores. A narrativa, que oscila habilmente entre o verosímil e o fantástico, como o título sugere, pode ser lida enquanto história dentro da história, sobretudo se atentarmos na cena do bar de pescadores, onde a personagem partilha as aventuras (vivas ou imaginadas) com os amigos. Além das piscadelas de olho ao leitor, conhecedores dos exageros das histórias de pescadores, o livro dialoga com outros intertextos clássicos da literatura de viagens, desde a *Odisseia*, com a presença das sereias e dos monstros marinhos, à *História Trágico-Marítima*, com as tempestades, o naufrágio e o salvamento, resumindo, com humor e uns laivos parodísticos, vários séculos da relação portuguesa com o mar.

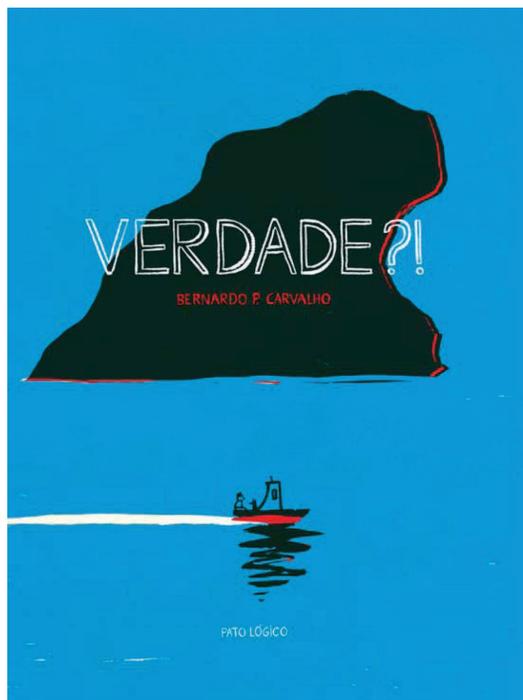


Figura 9 – *Verdade?!*, de Bernardo P. Carvalho (Pato Lógico, 2015)

É evidente, neste período, o crescimento da atenção à materialidade do livro, concebido como um objeto artístico, onde participam vários atores, incluindo, por exemplo, o autor do texto, das imagens, o *designer* gráfico, o diretor artístico e o editor. As ilustrações e a componente visual crescem substancialmente, ocupando mais espaço e estendendo-se aos elementos paratextuais, como a contracapa, as guardas, a folha de rosto e ficha técnica. A variedade de aproximações à temática em estudo é também o reflexo de um momento em que a literatura infantil é caracterizada por uma diversidade de abordagens temáticas, formais e estéticas, libertando-se paulatinamente dos preconceitos sobre a centralidade do seu caráter mais educativo.

4. Considerações finais: a evolução da literatura para a infância

Em termos de principais conclusões, fica patente o aumento da produção em quantidade e também em qualidade, pese embora a existência de obras facilmente enquadráveis no domínio da paraliteratura, também em resultado da legitimação progressiva da LI, nomeadamente em termos do seu estudo (e ensino) e investigação. A inexistência de observatórios ou base de dados que permitam rastrear a edição para a infância e juventude não facilita a identificação das obras, cujo registo, mesmo em sede de depósito legal, nem sempre acontece, tornando muito difíceis, ou mesmo impossíveis, as análises mais sistemáticas. Estes fatores talvez ajudem a explicar por que razão a atualização das histórias da LI continua por realizar.

Relativamente ao tratamento do tema selecionado, um dos mais recorrentes na LI ao longo dos últimos 100 anos, conclui-se, para além do relevo e da diversidade de aproximações que permite, que a evolução ocorrida é consentânea com a valorização da componente lúdica da LI em detrimento da mais explicitamente moralizadora ou pedagógica. Deste modo, o mar vai surgindo, ao longo do tempo,

cada vez mais, enquanto contexto lúdico e de fruição, sobretudo das crianças e das famílias, podendo igualmente surgir como elemento que necessita de proteção, em virtude dos ataques cometidos pelo homem, nomeadamente com a poluição, mas também com o esgotamento dos recursos naturais. O mar também é perspectivado enquanto *habitat* de várias espécies, pelo que a sua existência só faz sentido neste espaço. Assim, a valorização do contacto lúdico com o mar corresponde a uma diminuição da componente formativa e pedagógica da LI, agora mais circunscrita à questão ecológica e ambiental e menos ao relevo histórico ou simbólico dos feitos dos portugueses, ainda que possam surgir alusões a esse passado, como a presença da estátua do navegador que guia a gaivota em direção ao mar, no conto “Mar à vista”, de António Torrado.

Deste modo, a percepção da evolução e das tendências dominantes resulta sempre de uma leitura pessoal do universo literário que, mesmo se atenta, não consegue incluir todas as produções, até porque uma das tendências da atualidade passa, justamente, pela volatilização da edição, com o surgimento de várias editoras muito pequenas, às vezes próximas do universo da autoedição. Mesmo assim, até em resultado das distinções nacionais e internacionais, é visível a valorização da componente estética do livro infantil, nomeadamente em termos da ilustração e do *design* gráfico, com o livro infantil a aproximar-se cada vez mais do objeto artístico, alargando o universo de destinatários.

Referências bibliográficas

- GOMES, Alice, *A literatura para a infância*. Lisboa, Torres & Abreu, 1979.
- GOMES, José António, *Sophia, Infância e Apelo do Mar. Elementos para uma leitura da obra para crianças*. Matosinhos, Contemporânea, 2000.
- GOMES, José António; RAMOS, Ana Margarida; SILVA, Sara Reis da, “Panorama Histórico do Teatro para Crianças em Português (século XX)”, in Blanca-Ana ROIG RECHOU,

- Pedro LUCAS DOMÍNGUEZ, Isabel SOTO LÓPEZ (coord.), *Teatro Infantil. Do Texto à Representación*. Vigo, Edicións Xerais de Galicia, 2007, pp. 123-169.
- GOMES, José António; RAMOS, Ana Margarida; SILVA, Sara Reis da, “Tendências da nova poesia portuguesa para a infância (2000-2008)”, in Blanca-Ana ROIG RECHOU, Isabel SOTO LÓPEZ, Marta NEIRA RODRÍGUEZ (coord.), *A Poesia Infantil no Século XXI (2000-2008)*. Vigo, Edicións Xerais de Galicia, 2009, pp. 111-137.
- GOMES, José António; RAMOS, Ana Margarida; SILVA, Sara Reis da, “Reescritas do conto tradicional na literatura portuguesa para a infância e juventude (2000-2009)”, in Blanca-Ana ROIG RECHOU, Isabel SOTO LÓPEZ, Marta NEIRA RODRÍGUEZ (coord.), *Reescrituras do Conto Popular (2000-2009)*. Vigo, Edicións Xerais de Galicia, 2010, pp. 109-124.
- GOMES, José António; RAMOS, Ana Margarida; SILVA, Sara Reis da, “A nova poesia portuguesa para a infância (2000-2008): tendências e presença do mar”, in José António GOMES, Isabel MOCIÑO, Ana Margarida RAMOS, Blanca-Ana ROIG RECHOU (coord.), *Maré de Livros*. Porto, Deriva Editores, 2010, pp. 15-32.
- GOMES, José António, *Para uma História da Literatura Portuguesa para a Infância e a Juventude*. Lisboa, Ministério da Cultura – Instituto Português do Livro e das Bibliotecas, 1998.
- LEMOES, Esther, *A Literatura Infantil em Portugal*. Lisboa, Ministério da Educação Nacional – Direção Geral da Educação Permanente, 1972.
- MOTA, Cláudia, *Viagem Exploratória pela atual literatura infantil*. Porto, Tropelias & Companhia, 2016
- PIRES, Maria Laura Bettencourt, *História da Literatura Infantil Portuguesa*. Lisboa, Vega, 1983.
- RAMOS, Ana Margarida, “Literatura infantil portuguesa – autores, obras y tendencias”: *Anuario de investigación en literatura infantil y juvenil* 7.2 (2009), pp. 99-116.
- RAMOS, Ana Margarida, “Uma década de produção literária para a infância (2000-2010)”: *Solta Palavra* 17 (2011), pp. 3-10.
- RAMOS, Ana Margarida, *Tendências contemporâneas da literatura portuguesa para a infância e juventude*. Porto, Tropelias & Companhia, 2012.
- RAMOS, Ana Margarida, “6x6: um balanço da literatura infantil portuguesa contemporânea”: *Revista de lenguas y literaturas catalana, gallega y vasca* 20 (2015), pp. 211-222.
- ROCHA, Natércia, *Breve História da Literatura para Crianças em Portugal*. Lisboa, ICALP, 1984.
- ROCHA, Natércia, *Breve História da Literatura para Crianças em Portugal*. 2.^a ed. Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa – Ministério da Educação, 1992.
- ROCHA, Natércia, *Breve História da Literatura para Crianças em Portugal* (nova edição actualizada até ao ano 2000). Lisboa, Caminho, 2001.
- SILVA, Sara Reis da; RAMOS, Ana Margarida, “Dos piratas e da sua representação na literatura portuguesa para a infância: alguns contributos”: *Boletim Galego de Literatura* 36-37 (2007, pp. 149-167.
- SILVA, Sara Reis da, *Presença e Significado de Manuel António Pina na Literatura Portuguesa para a Infância e a Juventude*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian/Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2013.